

Fazer a resenha deste livro é, como a etimologia, tão prezada pela autora mostra, uma resignação. Resenha e resignação derivam etimologicamente da mesma raiz. O livro exige resignação pois renuncio a tê-lo escrito e o descubro dentro de mim, quando percorro as suas páginas. O que a leitura desperta não é o desejo de resumi-lo e sim o de desentranhar a experiência humana e psicanalítica nele condensado. Esta fala diretamente do que se vivencia imerso na existência humana, tornada mais pungente na experiência psicanalítica. O que somos movidos a procurar é aquilo que está para além da fome do corpo e que, como mostra tão bem a autora, é o fundamento da solidariedade humana.

É o que existe para além da fome do corpo que nos induz a sobreviver à criança e à morte. É o que permite que se sobreviva à guerra e à morte real dos pais na infância. É a esperança na solidariedade possível. É o que sustenta para além do inimaginável "nunca mais", da impossibilidade do "Até já". A morte sempre ocupou o pensamento de Freud. Além do trauma da perda pela morte da mãe, percorre a alma humana o medo de fazer sofrer a mãe pela morte própria. O que será mais penoso? Perder ou morrer? Freud perdeu a filha, na época do trabalho sobre pulsão de morte e a mãe, mais tarde, poupando-a de sofrer a morte dele. Esta, por sua vez, foi exercida segundo a sua vontade, quando o sofrimento se havia tornado insustentável.

Para além da fome do corpo

Resenha do livro de Radmila Zagouris:

Ah! As Belas lições!

São Paulo, Ed. Escuta, 1995, 262 p.

Sobreviver é pois, mostra claramente o livro, avir-se incessantemente com a morte real ou/e imaginária que se sofre ou que se inflige. A mãe que dá a vida também pode matar. E precisamos ponderar com muito zelo: não podemos matar com as nossas teorias.

O instante seguinte da morte pode ser o despertar da viúva-alegre que existe em cada um de nós. Ao lado do cadáver pode-se fazer amor com um desconhecido. A morte do bem amado pode fazer subsistir a vida em seu estado bruto. Faz parte do recrudescimento da vida enterrar bem os mortos.

E o que fazer com as associações do analista? Tomá-las como atenção flutuante ou como desmerecimento da psicanálise? Ou é a presença da perturbação que marca a presença da sexualidade? Pois o verbo se fez carne e cabe agora à psicanálise fazer a carne verbo. Distância insuperável entre a satisfação procurada e a satisfação obtida. As bruxas vieram ao mundo porque fazer amor não dá conta da Coisa sexual. É que a pulsão de mor-

te já está imbricada no sexual. É a presença do diabo, cujo esperma é frio, segundo as bruxas, que dá a contigüidade do sexual com a morte.

A falta que faz a presença das delícias e das aflições da perturbação da paixão na vida quotidiana! A tentação das aventuras. Com a consecução, desaparece a perturbação. A frieza do esperma do diabo marca o abismo entre o gozo obtido e o gozo esperado. Junto ao diabo está a bruxa — figura da puta metafísica. O que fica patente é a busca incessante do excedente inútil de gozo. Para tanto o taoísmo recomenda fazer amor sem ejacular, dando ao maior número de mulheres o maior orgasmo para alcançar o máximo da vitalidade viril.

A verdade é que não se pode mais, como Freud, pensar sem passar pelas âncoras das crenças teóricas. Essas âncoras estão carregadas de sentimentos e portam feridas. Acreditamos que seja verdade o que pensamos e adquirimos pelas vias do sofrimento e da alegria. Mas não podemos admitir senão que nos baseamos em no "Se non è vero, è ben trovato". Na prática quotidiana a assim chamada "psicanálise padrão" nem sempre se sustenta nem resolve tudo depois de oficialmente concluída. É cada vez mais freqüente psicanalistas praticarem psicoterapia de analistas que terminaram suas análises. Isto significa, um trabalho que esteja livre da doutrinação de um discurso único e que seja pra-

ticado por alguém que não abdicou da necessária capacidade de invenção própria, como Freud precisou empregar. Não é possível mais ter a candura de supor que só existe uma análise. As escolas, teorias e práticas diversas constituem diversos estados da psicanálise como a mesma substância pode estar em estado sólido, líquido ou gasoso. Para cada situação tem de ser respeitado o estado necessário.

Falta em todas as línguas o estado da mãe ou pai que perdeu um filho. Essa experiência inominável encontra a linguagem desfalecida. Para os pais, essa vivência é da ordem da assombração. Interface da realidade e fantasma. É que no fundo rompe com a ordem natural das coisas. A criança não deveria morrer antes daqueles que lhe deram a vida. A falta da palavra nomeia que toda morte de criança é, para os pais, invalidação do ato de criação. É assassinato. Sentem como se nada pudessem inocentá-los. Pois a experiência de impotência dos pais face à inermidade da criança, de sua dependência, da necessidade de interpretá-la e de advinhá-la, de entender os seus gritos, pode levar a vontade de fazer calar... O horror de surpreender-se com o desejo de assassinar o próprio filho, para livrar-se da impotência! Quando a criança morre, cria nos termos de Radmila, o *buraco negro da representação das palavras*. Cria aquilo do verbal. O humano tende ao desmoronamento ali onde a coisa existe e a palavra falta.

Há todo um jeito de avir-se com a frustração e gozar o contentamento. Disso quem sofre de insônia se sente inteiramente incapaz. Ele fica prisioneiro da espera daquilo que se tornou seu objeto: o sono. Para o insone, o si mesmo é vivido como outro do qual depende. Sua espera da chegada de si mesmo na entrega ao sono é espreita e portanto, como espreita, é alerta, portanto vigil, portanto vigília. Quer-se pelo esforço da vigília capturar o sono. Com isso nem se dorme bem nem se fica acordado. Entre os dois estados falta o limite nítido. Perde-se tanto a satisfação da realização onírica dos desejos como a do reencontro da alegria do real. O amanhecer que é espreitado pelo insone só pode ser reconfortante se surgir do despertar de boa qualidade.

A ilusão é indispensável para projetar o futuro. Ao brincar, a criança está criando e portanto acionando o seu desenvolvimento. Brinca de ser adulto porque percebe que está se transformando. É este processo que capenga no insone e impede a ilusão promissora do amanhã. Trata-se pois de uma ilusão que contém um real. É o que Radmila chama de Fata Morgana (fada bondosa e curadora). A psicanálise, ao registrar no horizonte o objeto do desejo, portanto não vazio, constitui a nossa Fata Morgana. A caminhada em direção à miragem pode nos fazer viajantes solitários ou sucumbidos pela coletivização da miragem que nos transforma todos em duplos uns dos outros. O duplo é uma figura terrorífica com o qual o diálogo é impossível. Duplos não se falam. A necessidade institucional de controlar tira da ilusão o caráter de *playing* para transformá-la num *game me-*

cânico. Para deslindar os processos anímicos que subjazem às religiões, Freud utilizou cientificamente a psicanálise. Na utilização de mecanismo de formação de duplos, fez-se a psicanálise usurpar o lugar das religiões. O que deveria favorecer a aproximação entre almas gêmeas, tem levado à constituição de duplos domesticados. E o encontro com o duplo é experiência limite do insólito. É vivência de esvaziamento e de extremo isolamento. Alucinar o duplo é perder o semelhante o qual é sempre esperança de se fazer compreender, de partilhar e de fazer-se compreender para compreender. Ao estar com o seu duplo, fica-se despossuído do seu mundo interior. Em a posse do mundo interior, a palavra fica desalmada. Subsiste entretanto no ser humano a procura de um outro, mesmo sem necessidade, no para além desta, tornando vigente a solidariedade.

Quando, entretanto, ancora-se no lugar do inconsolável, a experiência de impotência leva à vivência de sentir vergonha de si mesmo. Vige uma situação de violência, real ou simbólica. A vergonha é sempre social e se associa à discriminação explícita ou implícita, presente numa nomeação: Ele é órfão! O mesmo que "árabe", "negro", "judeu", "cigano". A nomeação impõe uma prisão domiciliar. Perde-se o direito de ser qualquer coisa além disso. A angústia decorrente liga-se à perda. Receber uma nomeação é sofrer um corte que nos coloca no lugar do inconsolável. Este remonta já da dor inicial de ter recebido

um nome, que me separa da mãe embora por ele ela possa me chamar.

A insônia, embora possa tornar brilhantes os pensamentos a algumas importantes descobertas possam dela resultar, é uma experiência penosa na qual os pensamentos vêm em lugar do sono. Há um fascínio por eles que leva à uma situação de drogar-se com o amor dos seus próprios pensamentos, feitos de idéias lunáticas.

A prática clínica há de ser praticada na sujeição às belas lições aprendidas sobre a duração das sessões, que estabelecem regras ou em situações agudas de regressão ou surto subverte-se essa proposta? A verdade é que entre aquilo que achamos que devemos fazer e aquilo que efetivamente fazemos nem sempre coincidem. Dar-se conta disso e exigir de si próprios o esforço de fundamentar o que está fazendo de novo é fundamental para não cair no arbítrio. A regra é importante, desde que não impeça o advento da subjetividade do analista que é o único meio de que dispõe para escutar verdadeiramente o paciente. O que garante essa aptidão é ter a pessoa que se tornou depois psicanalista de verdade se analisando para apurar-se em qualidade de vida e de experiência humana e não para poder saltar do divã para a poltrona.

E quando a analista fica fora de si? Como utilizar o que sucede nos momentos em que se é invadido pela cólera e pelo medo? Há cóleras que destroem e cóleras que restauram. De qualquer modo há sempre na cólera o medo da impotência. Em uma situação clínica pode acontecer, como Radmila relata, o surgimento de uma reação de indignação intensa do analista e que pode construir uma cólera restaura-

dora. A reação de intenso repúdio à fantasia de um paciente e ceder à tentação do traficante, após tanto tempo de recuperação consistente, permitiu que essa mesma reação fosse assumida pelo paciente quando na realidade seu anti-go traficante predileto apareceu para oferecer droga gratuitamente. E diz o paciente: "Se você não tivesse ficado naquele estado de cólera, não sei se eu teria sido capaz de fazê-lo." O que acontece é que em certas análises o analista pode ser levado a ser tomado pelo que está dissociado no paciente e sentir o que este não está conseguindo pensar, sentir ou agir. Evidentemente não se trata de uma apologia da cólera e sim do esforço de utilizar experiências como essas em benefício do processo.

O que cabe à psicanálise é favorecer a emergência dos traumas, encenados no espaço da vida privada, para redramatizar o que se tornou traumático. O real não é amável. Manter os dramas da experiência humana como traumas é continuar a viver a nostalgia da ilusão da inocência. "Des-traumatizar" não é des-dramatizar e sim permitir que o drama singular possa ser reconhecido e reinscrito na lógica das tragédias que marcam a existência humana.

Depois de tudo isto, resenha que procura percorrer o livro que por sua vez é já uma resenha do pensamento da autora, exercido durante 15 anos, o que se pretende é favorecer uma escritura psicanalítica que fique perto da associação livre e da atenção flutuante. De sua leitura, o fruto mais saboroso, é aquilo que cada leitor vier a descobrir dentro de si mesmo. ■

Wilson de Lyra Chebabi é psicanalista e membro titular a Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.